

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

calei
dos
ópio



LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

Por opção dos autores,
e manifestando a sua discordância
com o acordo ortográfico de 1990,
os presentes textos são apresentados
com a grafia que lhe é prévia.

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

ANA LEMA SEABRA
ANA MARGARIDA ARRUDA
ANA SOFIA ANTUNES
CATARINA BOLILA
CIDÁLIA DUARTE
CLÁUDIA COSTA
CLÁUDIA MANSO
DAVID GONÇALVES
DIEGO ANGELUCCI
ELISA DE SOUSA
ÉVER CALVO
FRANCISCA ALVES-CARDOSO
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
JOANA REIS
JOÃO MURALHA
JOSÉ CARLOS QUARESMA
JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

MANUELA LEITÃO
MARINA LOURENÇO
NATHALIE ANTUNES-FERREIRA
NÉLSON CABAÇO
NUNO NETO
PAULO BOTELHO
PAULO REBELO
PEDRO FERNANDES
PEDRO PEÇA
RAQUEL GRANJA
RODRIGO BANHA DA SILVA
SUSANA GARCIA
SÍLVIA CASIMIRO
VASCO LEITÃO
VASCO NORONHA VIEIRA
VÍTOR FRAZÃO

Sumário

7	Apresentação	66	Calçada do Garcia e Largo de S. Domingos RODRIGO BANHA DA SILVA
8	Nota Introdutória		
10	À guisa de introdução: algumas palavras prévias... RODRIGO BANHA DA SILVA	70	Rua das Portas de Santo Antão NÉLSON CABAÇO, ÉVER CALVO MARINA LOURENÇO SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO RODRIGO BANHA DA SILVA
12	Práticas e rituais funerários na região de <i>Olisipo</i> no I milénio a.n.e.: O impacto orientalizante e o seu reflexo no estuário do Tejo ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA ANA SOFIA ANTUNES SUSANA GARCIA	74	Calçada do Lavra: Testemunho da variabilidade de rituais funerários em época romana PEDRO PEÇA CATARINA BOLILA RAQUEL GRANJA PAULO REBELO
24	Espaços funerários: de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> a <i>Olisipona</i> RODRIGO BANHA DA SILVA	84	Encosta de Sant'Ana: Os espaços sepulcrais CIDÁLIA DUARTE CLÁUDIA COSTA DAVID GONÇALVES DIEGO ANGELUCCI JOÃO MURALHA JOSÉ CARLOS QUARESMA MANUELA LEITÃO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA PAULO BOTELHO VASCO LEITÃO
32	Rua dos Correeiros: o espaço funerário ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA JACINTA BUGALHÃO RODRIGO BANHA DA SILVA CIDÁLIA DUARTE	100	Rua de Santa Marta, n.º 32-34: estrutura funerária romana PEDRO FERNANDES NUNO NETO
40	Rua Nova do Almada, n.º 63-73: Vestígios da necrópole romana da “via Este-Oeste” de <i>Olisipo</i> HELENA PINHEIRO RAQUEL GRANJA NUNO NETO	104	As inscrições funerárias da Necrópole NO de <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
44	Praça da Figueira RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO		

116	Núcleos ocidentais I - Palácio dos Condes de Penafiel RODRIGO BANHA DA SILVA	141	Recintos, edifícios e monumentos funerários em <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
120	Núcleos ocidentais II - Rua de São Nicolau e <i>Corpus Christi</i>: Discretas evidências da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA CLÁUDIA MANSO RODRIGO BANHA DA SILVA ANA SEABRA	161	Os Olisiponenses: Estudo bioantropológico de uma população da Lusitânia FRANCISCA ALVES-CARDOSO SÍLVIA CASIMIRO SUSANA GARCIA NATHALIE ANTUNES-FERREIRA RAQUEL GRANJA MARINA LOURENÇO CIDÁLIA DUARTE DAVID GONÇALVES
121	Núcleos ocidentais III - Rua da Prata: Evidências fúnebres da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO CLÁUDIA MANSO NUNO NETO JOANA REIS JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO	174	A Infância entre a Época Romana e a Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO
123	Alfama RODRIGO BANHA DA SILVA	182	O mobiliário funerário RODRIGO BANHA DA SILVA JOSÉ CARLOS QUARESMA
126	Rua do Paraíso. Os monumentos funerários: um <i>columbarium</i> de <i>Olisipo</i> VASCO NORONHA VIEIRA NUNO NETO SÍLVIA CASIMIRO VÍTOR FRAZÃO RAQUEL SANTOS	198	Referências
130	Práticas e rituais funerários em <i>Olisipo</i> entre os séculos I e VI d.C. RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA MARINA LOURENÇO RAQUEL GRANJA SUSANA GARCIA CIDÁLIA DUARTE FRANCISCA ALVES-CARDOSO	209	Lista de Autores

Práticas e rituais funerários na região de *Olisipo* no I milénio a.n.e.: O impacto orientalizante e o seu reflexo no estuário do Tejo

ANA MARGARIDA ARRUDA

ELISA DE SOUSA

ANA SOFIA ANTUNES

SUSANA GARCIA

Na região de Lisboa, os dados sobre o mundo funerário são muito escassos para a Idade do Ferro. As necrópoles são raras e os próprios indícios indirectos das práticas funerárias também não abundam. Estas ausências não surpreendem, uma vez que replicam a realidade da maior parte das áreas litorais do actual território português. De facto, e com excepção de Alcácer do Sal (Correia [1928] 1972); (Gomes, 2016) e de Tavira (Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008), não foram até agora identificados os espaços cemiteriais dos povoados “orientalizantes” do Extremo Ocidente.

As necrópoles de Santa Olaia, no Mondego, de Santarém e Lisboa, no Tejo, de Setúbal, no Sado, e de Castro Marim, no Guadiana, mantêm-se ocultas, permanecendo desconhecidos os lugares exactos da sua implantação. Esta invisibilidade, que em parte se pode explicar pelo facto de se implantarem, maioritariamente, em áreas actualmente urbanizadas, cujas construções actuais impedem trabalhos de prospecção direccionados para estas realidades, compreende-se também, e sobretudo, por se tratar de espaços subterâneos, tendencialmente imperceptíveis na

paisagem. Neste universo cultural em que Lisboa se inscreve, as sepulturas são escavadas no solo, estando os restos humanos depositados ou directamente nas fossas rectangulares abertas para o efeito, como na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, ou dentro de urnas elas próprias posteriormente enterradas, também na do sítio do Sado e na do Convento da Graça, em Tavira. Pelo que se conhece hoje, nas áreas tocadas pela colonização fenícia em Portugal e também na restante Península Ibérica nenhuma estrutura complexa que assinale as

FIG. 1

Estela funerária em língua fenícia. Rua Cais de Santarém (créditos fotográficos: Guilherme Cardoso).

sepulturas se sobre-eleva de forma expressiva acima do solo. Os elementos que indicariam algumas delas, como por exemplo as estelas, tombaram certamente há muitos séculos.

Na área urbana de Lisboa, há, no entanto, alguns dados que dizem respeito ao mundo funerário e que importa valorizar e discutir até porque remetem para o momento mais antigo da presença fenícia em *Olisipo*. Entre eles, merece destaque a estela funerária encontrada nos antigos armazéns Sommer, actualmente exposta no núcleo museológico do *Eurostars Museum Hotel*, na Rua Cais de Santarém (FIG. 1). Foi encontrada, em posição secundária (reutilizada na construção de uma estrutura de época romana), durante as escavações preventivas que tiveram lugar no local, no sopé da encosta Sudeste da colina do Castelo de São Jorge (Neto *et al.*, 2016).

A peça, única no território actualmente português, e muito rara na Península Ibérica em particular e na bacia do Mediterrâneo em geral, é de calcarenito fino, e possui uma inscrição, desenvolvida em três linhas conservadas, cujo texto está escrito com caracteres fenícios e em língua fenícia. O estudo paleográfico, da responsabilidade de José Angel Zamora, permitiu datá-la do século VII a.n.e. (Neto *et al.*, 2016). Assinalava, em posição vertical, a sepultura de um indivíduo, cujo nome, bem como aliás o do seu pai também referido, é aparentemente indígena. A fórmula, com indicação da genealogia, é habitual no universo fenício, desde o território do actual Líbano até ao Norte de África, concretamente na área de Cartago.

A estela, de inequívocas características funerárias, pode ser analisada de várias perspectivas, a primeira das quais está relacionada com o domínio da língua e da escrita fenícias pela população de *Olisipo*, o que indica uma sociedade letrada e profundamente semitizada. Como já foi referido em diversos lugares, nomeadamente num dos volumes desta série “Lisboa Romana | *Felicitas Iulia Olisipo*”

(Arruda, Sousa e Antunes, 2020), a sua presença e a sua cronologia antiga comprovam a presença efectiva de grupos humanos com origem no Mediterrâneo Oriental no estuário do Tejo em momento recuado da Idade do Ferro, o que alguns materiais arqueológicos já indicavam claramente. O contacto inter-cultural entre estes grupos e as comunidades indígenas deve ser estudado não só tendo em consideração a adopção, pelas últimas, de uma língua (elemento identitário por excelência) exógena, mas também de práticas funerárias exteriores ao complexo mágico-religioso local, como é o próprio fenómeno epigráfico em si mesmo. Acresce ainda a assimilação e a perduração de elementos simbólicos apotropaicos orientais, disseminados pelo Mediterrâneo e pelo Atlântico pelos fenícios e utilizados frequentemente em ambientes funerários e votivos ou cultuais, caso do recipiente com um olho de Hórus inciso recolhido em contexto secundário associado aos fornos do século V - inícios do século IV a.n.e. do Convento do *Corpus Christi*, em Lisboa (Antunes, Manso e Oliveira, no prelo).

Como já referimos, as estelas funerárias epigrafadas da Idade do Ferro são muito raras na Península Ibérica, ao contrário das que, sinalizando também sepulturas, não contêm, aparentemente, qualquer inscrição (Zamora López, 2005; Martín Ruiz, 2009). A maioria de todas elas data já de um momento avançado do I milénio a.n.e. (séculos IV e III). Para a de Villaricos, que, tal como a de Lisboa, é exemplo de Epigrafia Monumental, e contém idêntica fórmula genealógica, é apontada uma cronologia do século IV a.n.e.

Importante parece ser também referir que esta estela funerária indicia a existência de uma necrópole sidérica nas proximidades do local (Neto *et al.*, 2016), cujas características, no entanto, desconhecemos quase por completo.

Outra realidade é a que se depreende dos ossos humanos encontrados no topo da colina

do Castelo, mais exactamente na Praça Nova e no Largo de Santa Cruz.

No caso da Praça Nova do Castelo de São Jorge, o estudo antropológico (cf. caixa de texto) concluiu que os dois esqueletos exumados em Setembro e Outubro de 2007 durante as escavações arqueológicas realizadas sob a direcção de Ana Gomes e Alexandra Gaspar (Gomes *et al.*, 2001) correspondiam a não-adultos, de sexo não determinado. Embora não tenha sido possível identificar a causa da morte, a ausência de sinais de violência e o facto de terem vivido algum tempo após o seu nascimento, sugere que ambos terão falecido de causas naturais, um com 2,6 semanas e o outro até às 19 semanas. Os estudos etnográficos indicam que o infanticídio, ou o abandono, tende a ocorrer passado pouco tempo

após o nascimento, mas pode acontecer mais tarde por motivos vários, tais como o bebé não ser viável ou a família não ter condições para o criar. Infelizmente, ambos se encontravam num contexto perturbado, ainda que atribuível à Idade do Ferro, o que impede elaborar considerações mais concretas.

Após ponderação cuidada das vantagens e desvantagens de cada um dos métodos disponíveis, definiu-se que um dos indivíduos terá morrido com 2,6 semanas, estimativa feita com base no desenvolvimento dentário e não ósseo, e o segundo até 19 semanas após o nascimento. Em suma, ambos os indivíduos morreram nos primeiros 4 meses de vida, embora não se possa excluir completamente a possibilidade de terem morrido pouco tempo depois do nascimento. Tal como acontece,

Dois não-adultos da Idade do Ferro (Praça Nova, Castelo de São Jorge)¹

Susana Garcia

A reconstrução da vida dos nossos antepassados através dos seus restos esqueléticos é o foco da área científica denominada por Osteoarqueologia Humana. Por mais extraordinário que possa parecer, a análise cuidada de restos humanos por parte de um especialista em osteologia humana é reveladora de aspetos do nosso passado, recente ou remoto, tão díspares como ritmos de crescimento, stresses fisiológicos súbitos ou crónicos e de patologias (infecciosas, metabólicas, traumáticas ou dentárias) que podem ser identificadas através de marcas gravadas na superfície dos ossos ou dos dentes. O estudo das crianças emerge principalmente na década de 1990, embora tenha sido necessário esperar pela década de 2000 para se assistir a um verdadeiro aumento dos estudos sobre os membros mais novos das sociedades pretéritas. Ainda assim, estudos exclusivos sobre fetos ou recém-nascidos continuam a ser raros (Han, Betsinger e Scott, 2017; Gowland, Chamberlain e Redfern, 2014; Garcia, 2019).

Este texto consiste na análise osteobiográfica de dois não-adultos exumados em Setembro e Outubro de 2007, na área denominada Praça Nova, no Castelo de São Jorge (Gomes *et al.*, 2003). O contexto funerário, classificado com a mesma unidade estratigráfica, foi perturbado e os ossos dos dois indivíduos encontravam-se misturados. No laboratório, todos os ossos foram medidos e comparados osteologicamente, para se confirmar o número mínimo de indivíduos. Como poucos ossos estão repetidos, foi impossível atribuir cada elemento ósseo a um indivíduo específico. Os ossos repetidos compatíveis são: vários ossos do crânio (asa grande direita do esfenoide, *pars lateralis* direito), bacia (ilíaco direito, ísquion e púbis esquerdo) e antebraço (ulna esquerda). Encontrou-se ainda, no espólio, uma coroa de um incisivo central permanente que não pertence a nenhum dos indivíduos referidos; a idade estimada de 17 meses é incompatível. Adicionalmente, todos os elementos ósseos foram inventariados, medidos (se completos) e a idade à morte foi estimada com base nos ossos longos e na coroa de um segundo molar decidual (**TABELA 1**).

¹ Agradece-se às responsáveis pela intervenção arqueológica no Castelo de São Jorge, Alexandra Gaspar e Ana Gomes, pela oportunidade de estudar estes dois indivíduos.

Existem vários métodos para estimar a idade em crianças em idade fetal e com menos de dois anos, mas optámos pelos estudos de Cardoso, Abrantes e Humphrey (2014) e Cardoso, Meyers e Liversidge (2019), por terem sido desenvolvidos numa amostra grande, as medições terem sido feitas diretamente nos ossos secos e nos dentes e incluir uma amostra portuguesa (Coleção Luís Lopes, do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa). Como se pode observar na tabela 1 (a negrito as medidas repetidas), os vários ossos produziram estimativas etárias ligeiramente diferentes. O comprimento do úmero indica uma estimativa pós-natal de 10 semanas, mas os ossos do antebraço (rádio e ulna) indicam uma estimativa de 6 semanas. A ulna esquerda repetida já dá uma estimativa superior - 19 semanas (Cardoso, Abrantes e Humphrey, 2014), mas os ossos da bacia são praticamente do mesmo tamanho. A estimativa realizada com base no segundo molar decidual indica uma idade à morte, pós-natal, de 2,6 semanas, que coincide com a estimativa feita com base no fémur e na tíbia. A fíbula indica uma estimativa um pouco superior (7 semanas). A estimativa com base na ulna, consideravelmente superior à dos restantes ossos, pode dever-se a um viés do método usado, mas não existem métodos completamente fiáveis para esta faixa etária (Gowland, Chamberlain e Redfern, 2014).

O estudo de restos humanos permite inferir muitos aspetos da vida das populações pretéritas, mas muito fica por desvendar. Qual é o significado de se encontrarem recém-nascidos em contexto familiar, na Idade do Ferro? Simples descartes, fruto da necessidade de se desfazerem dos bebés mortos? A mortalidade nos primeiros meses de vida foi sempre muito elevada ao longo da história da humanidade e alguns autores referem que o abandono e o infanticídio também deveriam ser comuns. Por outro lado, os esqueletos dos bebés surgem quase sempre num contexto doméstico (debaixo da casa ou num local muito próximo), sendo plausível argumentar que representam um ritual funerário, pensado, intencional, que visou a ponte entre o mundo físico e o espiritual.

A estimativa da idade à morte foi um desafio, mas os vários métodos apontam para que um dos não-adultos tenha morrido com 2,6 semanas, pós-natais e o outro até às 19 semanas, ou seja, ambos morreram com menos de 4 meses. Estas estimativas sugerem que estes bebés viveram algum tempo após o seu nascimento, dando força ao argumento de que morreram de causas naturais.

TABELA 1
Zonas anatómicas, medidas e métodos, para a estimativa da idade à morte.

Zona anatómica	Ossos/dente	Comprimento máximo (mm)	Idade estimada (semanas)	Método
Crânio	<i>Pars lateralis</i>	28	> 40	Scheuer e Black, 2000
	<i>Pars basilaris</i>	18	> 40	
	Segundo molar	3,42	2,6	Cardoso, Meyers e Liversidge, 2019
Membro superior	Úmero	70	10,2	Cardoso, Abrantes e Humphrey, 2014
	Rádio	53	6,4	
	Ulna	60/65	6,2/19	
Bacia	Ilium	33/32	> 40	Scheuer e Black, 2000
	Ísquion	22/19	> 40	
	Púbis	18/17	> 40	
Membro inferior	Fémur	76	2,5	Cardoso, Abrantes e Humphrey, 2014
	Tíbia	66	2,1	
	Fíbula	62	7,0	

com indivíduos mais velhos, há diferenças de tamanho mesmo em recém-nascidos, ou por serem indivíduos de sexos diferentes (os recém-nascidos do sexo masculino tendem a ser mais compridos) ou, sendo do mesmo sexo, possuírem percentis diferentes. À medida que as crianças crescem, as diferenças individuais vão-se acentuando.

Em crianças muito pequenas, a reposição óssea é constante e rápida o que dificulta a distinção entre remodelação normal e de origem patológica. Vários ossos do crânio (base e calote) e da mandíbula apresentam porosidade, mas pode ser apenas variação normal. Contudo, a morfologia e aparente formação de calo ósseo numa 1.^a costela, já sugerem a existência de uma fratura *ante mortem*, ou seja, a fratura aconteceu algum tempo antes da morte e o indivíduo viveu tempo suficiente para permitir que sarasse. Durante o parto vaginal, não é incomum ocorrerem fraturas ósseas, por exemplo, na clavícula, embora nem sempre sejam detetadas.

Em escavações recentes realizadas no Largo de Santa Cruz do Castelo, sob a direção de S. Guerra, foram documentadas outras duas destas inumações. Uma delas está diretamente associada ao primeiro momento de ocupação deste espaço, que foi datado em torno ao século VII a.n.e. (Sousa e Guerra, 2018). Encontrava-se muito mal conservada, tendo sido depositada praticamente sobre o substrato rochoso e coberta por uma camada que constituía o nível de preparação do primeiro pavimento construído nessa zona (Sousa e Guerra, 2018; Guerra e Sousa, no prelo). Não tinha qualquer espólio associado. A segunda inumação localizava-se numa zona bastante alterada por construções mais recentes, não sendo ainda completamente clara a sua adscrição cronológica, ainda que seja possível que pertença, tal como o caso anterior, à Idade do Ferro (Guerra e Sousa, no prelo).

Embora o contexto original de alguns dos enterramentos de recém-nascidos se encontre perturbado, importa destacar a existência da inumação sob o piso do compartimento integrado numa habitação, não sendo descabido considerar a possibilidade de as restantes conformarem as mesmas circunstâncias e remeterem para a mesma realidade. Os contextos de recolha indicam uma cronologia antiga, do século VII a.n.e., pelo menos no que se refere à inumação do Largo de Santa Cruz (Sousa e Guerra, 2018). O carácter orientalizante/fenício desses contextos ficou evidenciado pelo conjunto artefactual recuperado nas camadas arqueológicas associadas, que incorpora ânforas de produção local e uma outra de possível origem mala-guenha, pratos cobertos com engobe vermelho, cerâmicas cinzentas finas polidas (taças e tigelas) e outros vasos feitos a torno (tigelas, pratos, panelas), por vezes com pintura em bandas (*pithoi*). A cerâmica manual, embora presente, é muito escassa, sendo, contudo, de assinalar a presença de um fragmento de uma taça com decoração brunida (Sousa e Guerra, 2018).

Ainda que a inumação tenha sido efectuada com um tratamento funerário aparentemente cuidado, não estamos perante espaços funerários correspondentes a necrópoles. Na antiguidade pré-clássica, e ainda na clássica, às crianças recém-nascidas e até à idade de um ano não era reconhecida identidade própria, o que justificou a sua quase total ausência nos cemitérios. Nestes espaços, que são bem mais do que lugares de acumulação de cadáveres, as práticas rituais incluíam o culto aos mortos e outras acções religiosas, mas a referida ausência de identidade excluía-as deles. Assim, a deposição dos seus restos no interior das habitações, sob os respectivos pavimentos, era uma prática frequente, havendo, para a Idade do Ferro, exemplos no próprio território português deste procedimento, como é por exemplo o caso de Castro

Marim (Arruda, 2005). Esta situação, com antecedentes na Idade do Bronze (Gusi e Muriel, 2008, pp. 286-287), e que tem continuidade, ainda que não em exclusividade, nas épocas romana e medieval, é bem conhecida no chamado mundo ibérico, encontrando-se documentada em vários povoados da região valenciana (Puig de la Misericórdia de Vinarós, Puig de la Nao de Benicarló, Castell de Bernabé de Liria e Sant Joseph de Vall de Uixó), de Alicante (La Alcudia, em Elche) e de Aragão (Castillejo, em Teruel) (Guerin e Martínez Valle, 1987-1988; Olivier Foix e Gómez Bellard, 1989).

No entanto, em algumas necrópoles sidéricas peninsulares, como a de Cigarralejo, foram registadas inumações de crianças, que, contudo, não foram cremadas, ao contrário dos adultos (Chapa Brunet, 2001-2002).

A actual cidade de Lisboa não revelou até ao momento quaisquer vestígios concretos de áreas destinadas aos restos funerários dos que aqui habitaram durante a Idade do Ferro. Desconhecem-se, assim, os ritos adoptados e as práticas que acompanhavam a deposição dos seus cadáveres.

Porém, a estela dos antigos armazéns Sommer, infelizmente em posição secundária, indicia uma forte relação com o processo de colonização fenícia do Estuário do Tejo, pela língua utilizada, pela fórmula escolhida e pela forma como se assinalou a sepultura. Por outro lado, a deposição de recém-nascidos no espaço doméstico, sob pavimentos de habitações, documentada na área do Castelo de São Jorge, revela uma prática pouco conhecida no actual território português, e que parece ter uma origem mediterrânea.

Por fim, deve assinalar-se a inexistência de evidências que apontem no sentido de uma continuidade na utilização dos espaços cemiteriais entre a Idade do Ferro e a época romana. De facto, e até ao momento, em nenhuma das necrópoles romanas de *Olisipo* foram encontrados vestígios correspondentes



FIG. 2

Jarro de bronze de Torres Vedras

(créditos fotográficos: Victor S. Gonçalves).



FIG. 3

Asa de "braseiro" de Torres Vedras (créditos fotográficos: Victor S. Gonçalves).

à Idade do Ferro, o que não deixa de ser surpreendente, uma vez que, geralmente, os mesmos costumam sobrepor-se, ou, pelo menos, estarem muito próximos, desde o Extremo Oriente até ao Atlântico.

O panorama sobre o mundo funerário nas áreas das Penínsulas de Lisboa e de Setúbal é, apesar de igualmente pobre, mais claro.

No que à I Idade do Ferro (séculos VIII a VI a.n.e.) diz respeito, os dados, que continuam a ser maioritariamente indirectos, são exclusivos da região a norte do Tejo.

O jarro (FIG. 2) e o "braseiro" de bronze (FIG. 3), encontrados, em meados do século passado, junto ao cemitério de Alto de São João, em Torres Vedras, numa sepultura de tipo cista (Trindade e Ferreira, 1965), constituem um "serviço ritual", que talvez incluísse

também um queima-perfumes. Este "serviço" relaciona-se com actividades de libação e de purificação, estando geralmente associado nas necrópoles peninsulares "orientalizantes". O jarro, de corpo piriforme e asa rematada, na parte inferior, por uma palmeta, integra-se no Grupo A, pertencendo ao Tipo I (Jiménez Ávila, 2002, p. 385). O "braseiro" está pior conservado, mas as mãos, incisadas sobre o bordo, horizontal do recipiente (Trindade e Ferreira, 1965; Jiménez Ávila, 2002, p. 392) e os aros, grossos e de secção circular onde rodavam as asas em ómega, são suficientemente claros para a sua classificação. Se os protótipos destas duas peças se encontram no Mediterrâneo, a sua relativa abundância na Península Ibérica, muitas oriundas de ambientes funerários, deixa

anteriores uma produção peninsular em “oficinas”, eventualmente, fenícias.

Sem qualquer contexto arqueológico que o enquadre, o jarro piriforme de bronze de Faião pertence a uma colecção particular, havendo, porém, informação de que foi encontrado naquela povoação do Concelho de Sintra (Alarcão, 1996). Pertence a um grupo tecnológico distinto daquele em que cabe o de Torres Vedras, sendo também de menor capacidade (Jiménez Ávila, 2002, p. 392; Arruda, Lourenço e Lima, 2015, p. 449). Formalmente, foi considerado atípico (Jiménez Ávila, 2002, p. 47).

As peças anteriormente comentadas, que remetem para cronologias dos séculos VII/VI a.n.e., indicam a prática de rituais funerários que não possuem raízes locais ou regionais, e cuja matriz mediterrânea é clara, realidade que também se documenta, ainda que de forma distinta, na margem esquerda do Tejo, concretamente através da urna de tipo “Cruz del Negro” de Benfica do Ribatejo (Pimenta *et al.*, 2019) ou do conjunto de materiais recolhidos em Porto de Sabugueiro, em Muge, Salvaterra de Magos (Pereira, 1975; Pimenta *et al.*, 2014; Arruda *et al.*, 2016). As necrópoles de que terão feito parte os enterramentos a que se associavam não são, infelizmente, conhecidas, sendo assim difícil compreender que tipo(s) de sociedade traduziam. Porém, os ritos funerários praticados são exógenos e de inspiração mediterrânea e só podem explicar-se pela presença de populações com origem oriental na Baixa Estremadura, presença muito bem documentada em numerosos núcleos urbanos localizados ao longo de ambas margens do rio (Arruda, 2017).

A sepultura de tipo cista, de inumação, encontrada anexa à fortificação da Pedra d'Ouro, em Alenquer (Leisner e Schubart, 1966; Cardoso, 2000 e 2004) ofereceu um conjunto de vasos cerâmicos, dos quais alguns podem ser associados à Idade do

Ferro, de meados do I milénio a.n.e., o que se compagina com os dados das contas de colar de vidro também, aparentemente, recolhidas no mesmo monumento.

A necrópole da Berbelita, em Alenquer (Costa, 2010; Pimenta *et al.*, 2020a) é mais tardia. Foi descoberta, e destruída, no seguimento de trabalhos agrícolas levados a efeito nos anos 60 do século passado na herdade da Labrugeira, mas os relatos dos trabalhadores que participaram nessas actividades (Pimenta *et al.*, 2020a, p. 28) são explícitos quanto ao facto de se tratar de uma necrópole de incineração. As urnas que continham “...cinzas e ossos meio queimados...” (Pimenta *et al.*, 2020a, p. 28) foram partidas e delas não possuímos qualquer informação, nomeadamente sobre a morfologia. O conjunto de materiais que se salvou incorpora uma fíbula anular hispânica, um cossoiro, contas de colar de vidro azul, e dois fragmentos cerâmicos. Entre estes últimos, deve destacar-se o jarro, cinzento, de colo alto com nervura central, e decoração com sulcos profundos brunidos na área da asa, uma vez que contribuiu para aferir a cronologia dos enterramentos (século III / II a.n.e.). Recorde-se que a presença de jarros (cerâmicos e metálicos) em contextos funerários é frequente durante a Idade do Ferro, sobretudo em áreas tocadas por influências culturais mediterrâneas, podendo relacionar-se com a prática de libações. O pequeno pote de corpo globular deve ter sido utilizado na contentorização de perfumes ou unguentos, uso que também não é incomum em sepulturas desta e de outras épocas. O facto de a fíbula anular hispânica poder situar-se cronologicamente um pouco antes, no século IV a.n.e., pode indiciar uma utilização mais prolongada do espaço funerário, a partir do século IV a.n.e., hipótese que se coloca apesar da ausência de informação sobre a tipologia das urnas, informação que podia contribuir para uma mais fundamentada apreciação da cronologia. A prática

da cremação documentada na Berbelita não aponta, em si mesma, para qualquer identificação das raízes étnicas do grupo que usou o espaço da Labrugeira como necrópole. Sendo certo que este ritual funerário está documentado em todo o Mediterrâneo durante a Idade do Ferro, de Tiro a Ibiza, e foi praticado no actual território português nas mesmas cronologias (séculos VII/VI a.n.e) e no contexto do mesmo universo cultural, como ficou provado em Tavira (Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008) ou em Alcácer do Sal (Correia, ([1928] 1972); Fabião, 1998; Arruda, 1999-2000; Gomes, 2016), não podemos também ignorar que a cremação, com a posterior deposição dos restos em urna, está comprovada na região do vale do Tejo desde o final da Idade do Bronze, como os dados de Tanchoal e do Cabeço da Bruxa (Kalb e Höck, 1981-1982; Vilaça, Cruz e Gonçalves, 1999) já mostraram.

Não podemos deixar de mencionar que nenhuma destas necrópoles da I e II Idade do Ferro, reais (Berbelita, Pedra d'Ouro) e/ou putativas (Torres Vedras, Faião), está associada a qualquer núcleo de povoamento delas sincrónico, apesar da proximidade do monumento da Pedra d'Ouro ao Castro do Amaral, sítio com relevante ocupação sidérica de matriz orientalizante (Pimenta e Mendes, 2010-2011), mas também do Bronze Final. Pelo contrário, na margem esquerda do Tejo, a urna de Benfica do Ribatejo e os escaravinhos de Porto de Sabugueiro, que podem ser considerados indícios, ainda que ténues, da existência de necrópoles, estão directamente conectados com uma extensa e relevante lista de sítios de forte componente mediterrânea (Alto do Castelo, Cabeço da Bruxa, Eira da Alorna, Alto dos Cacos, Vale de Tijolos, Porto de Sabugueiro, Fonte do Padre Pedro).

A mesma escassez de dados verifica-se na margem esquerda do Tejo, na Península de Setúbal, onde, uma vez mais, aos amplos e, de

certa forma, opulentos povoados de Almaraz, em Almada, e de Setúbal não se associam quaisquer necrópoles sidéricas, mantendo-se a mesma invisibilidade sepulcral observada na margem direita.

Há, no entanto, a destacar a existência de duas necrópoles “rurais” de inumação, concretamente a de Casalão (Serrão, 1964; Cardoso, 2000; Gomes, 2013) e a de Vale da Palha (Serrão, 1974; Arruda e Cardoso, 2015), ambas em Sesimbra, que não estão associadas a qualquer núcleo de povoamento.

Da primeira escavaram-se cinco sepulturas rectangulares definidas por lajes de calcário apenas afeiçoadas, também usadas para a sua cobertura. Em cada uma delas estava depositado um indivíduo, colocado em decúbito dorsal, tendo-se verificado a existência de um segundo crânio na sepultura n.º 2 (Serrão, 1964), o que poderia significar um enterramento duplo ou uma re-utilização (Gomes, 2013, p. 80). Um crânio isolado foi detectado a escassos metros a Oeste da área onde se encontravam as sepulturas, que, contudo, não estava enquadrado por qualquer estrutura pétrea (Serrão, 1964, pp. 19-20), o que foi interpretado no quadro de outro ritual funerário, com a deposição do cadáver em fossa simples, ainda que se equacione também a possibilidade de se tratar de uma deposição secundária, eventualmente de carácter ritual (Gomes, 2013, p. 81). Com excepção da n.º 4, todas as sepulturas continham espólio, que, no entanto, é escasso e se encontra em mau estado de conservação (Serrão, 1964). O conjunto dos materiais, quase todos metálicos, incorpora uma faca de ferro, uma pinça, um anel de bronze e a mola e fuzilhão de uma fíbula, e ainda um fragmento de um dos elementos de uma mó manual (Serrão, 1964). A fíbula deve destacar-se uma vez que a sua tipologia poderia esclarecer aspectos relacionados com a cronologia dos enterramentos da necrópole do Casalão. No entanto, e como bem assinalou Francisco Gomes (2013,

pp. 85-86), o que dela sobrou não é suficiente para uma segura classificação morfológica, podendo indistintamente incorporar os tipos Acebuchal (séculos VII e sobretudo VI a.n.e.) e La Téne I (IV/III a.n.e.). Atendendo à datação de Carbono 14 obtida para um osso de um dos indivíduos sepultados (Serrão, 1964), que ofereceu uma cronologia que podemos situar entre os finais do século V e os inícios do III a.n.e. (407-208 B.C.), a inserção da fíbula no último grupo parece ser o mais acertado. O espaço teria sido usado como área sepulcral durante o século IV a.n.e., data que os restantes materiais, e sobretudo a faca afalcatada de ferro, não contrariam.

A necrópole de Vale da Palha (Serrão, 1974; Arruda e Cardoso, 2015) era constituída por quatro sepulturas de inumação, em tudo idênticas às da de Casalão. A sua adscrição cronológica é, no entanto, mais problemática, atendendo à escassez do espólio encontrado durante a escavação, constituído por apenas três vasos cerâmicos, integráveis na categoria da “Cerâmica Cinzenta”, cuja produção e utilização é consideravelmente vasta, mas não em todas as formas. Trata-se de três taças, uma das quais de carena alta (de que não existe qualquer registo gráfico disponível) e duas outras em calote, de base plana e com pasta e superfícies cinzentas. As duas últimas, com o bordo ligeiramente espessado no interior, possuem grafitos incisos pós-cozedura, na parede externa uma, e na parede interna, a restante.

A necrópole foi publicada como romana (Serrão, 1974), cronologia que foi atribuída em função de um desses grafitos, concretamente o grafema que foi interpretado como um M latino, mas também pela existência à superfície do terreno de materiais de época romana. Esta datação pôde ser revista há pouco tempo (Arruda e Cardoso, 2015), tendo então havido oportunidade de lembrar que, não obstante a cerâmica cinzenta polida

ter sido produzida até ao período romano, e de as taças de paredes arqueadas e côncavas com bordo reentrante e ligeiramente espessado terem tido uma difusão consideravelmente ampla na Península Ibérica, a forma é típica da primeira metade do I milénio a.n.e., apesar de permanecer em contextos mais tardios. Por outro lado, o signo grafemático inciso na superfície externa de uma destas taças não parece corresponder a um M latino, mas a um signo do semi-silabário do SW (Arruda e Cardoso, 2015, p. 310), situação comum a vastas áreas da Península Ibérica. O outro grafito, gravado no interior da outra taça em calote, corresponde a um *pentalfa* (estrela de cinco pontas) inscrito num círculo (Arruda e Cardoso, 2015, p. 308), representação que é recorrente na cerâmica cinzenta da Extremadura espanhola, por exemplo na necrópole de Medellín, estando presente em área próxima, nomeadamente em Abul. Os materiais romanos dispersos à superfície da área da necrópole devem traduzir uma ocupação posterior à utilização deste espaço funerário que terá sido utilizado em torno aos meados do primeiro milénio a.n.e.

As duas necrópoles sidéricas de Sesimbra distam entre si uns escassos cinco quilómetros, sendo ambas de inumação. As características das sepulturas são muito idênticas na forma, na arquitectura, nas técnicas construtivas e na própria posição do cadáver, sempre depositado em decúbito dorsal, não sendo impossível admitir que foram contemporâneas ou pelo menos muito próximas em termos cronológicos. Uma data dos inícios da segunda metade do primeiro milénio a.n.e. parece a mais apropriada para estas duas realidades.

A escassez de dados referida para o mundo funerário da Estremadura, e que deixamos patente na exposição das páginas anteriores, não permite tecer grandes considerações acerca dos rituais e práticas mágico-religiosas associadas. Contudo, os dados

de Lisboa, nomeadamente a utilização de epigrafia monumental para assinalar sepulturas de população indígena é um dado suficientemente explícito sobre a forte dimensão do impacto que a chegada e instalação de grupos fenícios na área do estuário do Tejo provocou a nível regional. Também os jarros de bronze de Torres Vedras e de Faião, associados, no primeiro caso, a um “braseiro” em cujo bordo se representam mãos estilizadas, indiciam não só a utilização em contexto sepulcral de uma baixela orientalizante de claros contornos mediterrâneos, remetendo também para a introdução de práticas de libação e, assim, de purificação, e que se podem relacionar com actividades desenvolvidas durante as cerimónias fúnebres, práticas com profundas raízes orientais.

As duas necrópoles do Concelho de Sesimbra (Casalão e Vale da Palha), de meados do I milénio a.n.e., são de inumação, e a da Berbelita, em Alenquer, mais tardia, é de incineração. Esta dualidade no tratamento dos cadáveres, mesmo que neste caso concreto exista um evidente desfasamento cronológico, levanta a questão da existência de dois ritos distintos (inumação / incineração) no tratamento do cadáver durante a Idade do Ferro. Esta dualidade não pode, porém, relacionar-se directamente com alterações nos rituais funerários provocadas por novas crenças introduzidas pelos “colonizadores”, nem está dependente de questões cronológicas. Se é verdade que as cremações dominam, mas não são exclusivas, nos cemitérios de fenícios ocidentais, também é certo que ambos os ritos têm raízes locais. Neste contexto, faz sentido recordar que na necrópole do Senhor dos Mártires a cremação é a prática ao longo de toda a diacronia (desde o século VII ao IV a.n.e.), mas em Bensafrim (Rocha, 1975) e Silves (Barros *et al.*, 2008), no Algarve, as inumações em cista dominam, ao contrário do que se passa em Tavira, onde a única necrópole até ao momento identificada

está composta por urnas cinerárias (Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008).

Apesar do profundo desconhecimento que ainda persiste sobre o mundo funerário no Estuário do Tejo, os dados existentes parecem apontar para a existência de uma certa multiplicidade de rituais e práticas desenvolvidas ao longo do 1.º milénio a.n.e. Esta heterogeneidade é seguramente o reflexo do “emaranhamento cultural” que teve este espaço geográfico como cenário, num processo idêntico ao ocorrido em várias outras áreas peninsulares, e que envolveu tradições nativas, exógenas, e que resultou na emergência de novas identidades que se desenvolveram na sequência dos contactos inter-culturais que se sucederam ao longo de vários séculos. Não devemos, portanto, estranhar a diversidade registada no parco registo funerário que conhecemos, sendo provável que esta se possa assumir em esferas que ultrapassam a mera utilização da cremação ou inumação, e que podem envolver diferentes formas na deposição do espólio, nos critérios de selectividade do mesmo e, talvez até, em distintas práticas de celebração ritual.

Referências

- Alarcão, J.; Delgado, M. (1969) - *Catálogo do Gabinete de Antiguidades e Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa. Antiguidades Ibéricas e Romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Alarcão, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. V. La Céramique Commune Locale et Régionale*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A.M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, pp. 58-63.
- Alarcão, J. (1996) - Os círculos culturais da 1ª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In Villar, F.; Encarnação, J. de, eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 19-36.
- Almagro, M. (1955)- *Las necrópolis de Ampúrias*, vol. II. *Necrópolis Romanas y Necrópolis Indígenas* (Monografías Ampuritanas; 3). Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona, Departamento del Instituto «Rodrigo Caro» de Arqueología y Prehistoria de Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Almeida, J. M.; Ferreira, F. B. (1965) - Varia Epigraphica (Nova Série). *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento. 75, pp. 82-109.
- Alves-Cardoso, F.; Ramos, A.; Gomes, C. L.; Santos, C.; Pardo, E. A.; Assis, S.; Minhós, T. (2016) - Genetics in Anthropology. In Barbaro, P., ed.- *Ethnology, Ethnography and Cultural Anthropology. Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS), Developed under the Auspices of the UNESCO*. Oxford: Eolss Publishers. Disponível em WWW: (URL:<http://www.eolss.net>).
- Alves-Cardoso, F. (2018) - Palaeopathology. In López Varela, S. L., ed. - *The SAS Encyclopedia of Archaeological Sciences*. [S.l.]: Wiley-Blackwell. Disponível em WWW: (URL: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119188230.saseas0437>).
- Alves-Cardoso, F.; Morrone, A.; Casimiro, S.; Rosa, C. (2018) - *O Que de Nós Perdura / What of Us Endures*. [Consult. em 22 Nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL:<https://www.youtube.com/watch?v=-oGiZjAV-vo&feature=youtu.be>).
- Amaro, C. (1986) - Casa dos Bicos, notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 6, pp. 96-111.
- Andrade, C. (2001) - *Reconstituição do enchimento do esteiro da Baixa de Lisboa, estuário do Tejo. Relatório final, Praxis XXI, Projectos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico – ciências da Terra e do espaço [contrato PRAXIS/PCNA/C/CTE/9/96]*. Lisboa: Centro de Geologia da Universidade de Lisboa.
- Angelucci, D. E. (2003) - A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In Mateus, J.; Moreno-García, M., eds. - *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura* (Trabalhos de Arqueologia; 29). Lisboa: IPA [ISBN 972-8662-13-0], pp. 35-84.
- Angelucci, D. E. (2004) - Estudos de Geoarqueologia na Encosta de Santana. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 62.
- Angelucci, D. E. (2008) - Geoarchaeological insights from a Roman age incineration feature (*ustrinum*) at Enconsta de Sant'Ana (Lisbon, Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 35, pp. 2624-2633. [DOI: 10.1016/j.jas.2008.04.020].
- Angelucci, D. E.; Costa, C.; Muralha J. (2004) - Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa): Considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7 (2), pp. 27-47.
- Antunes, A. S.; Manso, C.; Oliveira, J. M. (no prelo) - Evidências apotropaicas da Idade do Ferro em Lisboa (Portugal): o recipiente com oudjat do Convento de Corpus Christi. In *X Coloquio Internacional del CEFYP. Homenaje al Profesor Jose María Blázquez. Mare Sacrum. Religión, cultos y rituales en el Mediterráneo. Cádiz, San Fernando. 13-15 de Diciembre 2017*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Aquilé, X.; Roca, M. (eds.) (1995)- *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial à la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (Monografies Emporitanes, 8). Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.
- Arnau, B.; García, I.; Ruiz, E.; Serrano, M. L. (2003) - El monumento funerario templiforme de la Plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-196.
- Arruda, A. M. (1999-2000)- *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.C. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um

- novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, 23, pp. 9-156.
- Arruda, A. M. (2017) - A Idade do Ferro Orientalizante no Estuário do Tejo: as duas margens do mesmo rio. In Celestino, S.; Rodriguez, E., eds. - *Território comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tago em época tartésica* (Anejos del Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, pp. 283-294.
- Arruda, A. M.; Cardoso, J. L. (2015) - A necrópole da Idade do Ferro de Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 22, pp. 301-314.
- Arruda, A. M.; Covaneiro, J.; Cavaco, S. (2008) - A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 8, pp. 117-135.
- Arruda, A. M.; Lourenço, P.; Lima, J. (2015) - Bronces fenícios em Portugal: a propósito del hallazgo de um jarro piriforme en la necrópolis do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). In Jiménez Ávila, J., ed. - *Phoenician Bronzes in Mediterranean*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 443-452.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Soares, R. (2016) - As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid: Universidad Autónoma. 42, pp. 79-101.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Antunes, A. S. (2020) - As origens de Olisipo: uma perspectiva sobre a Idade do Ferro na cidade e seu entorno. In Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo: O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 80-97.
- Avial-Chicharro, L. (2018) - La medicina romana en Hispania a través de la cultura material. In *III Jornadas de Jóvenes Investigadores en Arqueología*. Madrid: Asociación Jóvenes Investigadores en Arqueología. ¡Excavemos, pp. 400-422.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (846-1422)*. Anexos, Índice, Bibliografia e Estampas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, II.
- Barros, P.; Branco, G.; Duarte, C.; Correia, J. (2008) - A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 5, pp. 41-52.
- Baten, J.; Blum, M. (2012) - Growing tall but unequal: New findings and new background evidence on anthropometric welfare in 156 Countries, 1810–1989. *Economic History of Developing Regions*. [S.l.]: Economic History Society of Southern Africa, Routledge, 27 (1), pp. 66-85.
- Bejarano Osorio, A. M. (2015) - *La medicina en la Colonia Augusta Emerita*. (Colección de Estudios Históricos de la Lusitania; 9). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 63, pp. 183-226.
- Bernal Casasola, D.; García Giménez, R. (1995) - Talleres de lucernas en *Colonia Patricia Cordoba* en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 6, pp. 175-216.
- Blaizot, F.; Tranoy, L. (2004) - La notion de sépulture au Haut-Empire. Identification et interprétation des structures funéraires liées aux crémations. In Baray, L., dir. - *Archéologie des pratiques funéraires. Approches critiques, Actes de la table ronde de Glux-en-Glenne. 7-9 juin 2001* (Bibracte; 9). Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont-Beuvray, pp. 171-187.
- Bolila, C. (2011) - *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Bonifay, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (British Archaeological Reports, International Series; 1301). Oxford: Archaeopress.
- Borbonus, D. C. (2014) - *Columbarium tombs and the collective identity in Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowersock, G. W.; Brown, P.; Grabar, O. (2000) - *Late Antiquity: a Guide to Post-Classical World*. Harvard: Harvard University Press, 2nd Ed.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 16, pp. 243-275.
- Bussière, J. (2000) - *Lampes antiques d'Algérie*. (Monographies Instrumentum; 16). Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- Bustamante Álvarez, M. (2012) - Las cerámicas comunes altoimperiales de Augusta Emerita. In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., coords. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regiona-*

- les. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, pp. 407-433.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M.; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Cabaço, N.; Lourenço, M.; Silva, R. B. (2019) - O compasso do espaço da necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era-Arqueologia. 13, pp. 47-54.
- Caessa, A.; Mota, N. (2011) – 410. Estela funerária do Largo do Contador-Mór, em Lisboa (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 91.
- Caetano, J. C. (2002) - Nécropoles e ritos funerários no Occidente da Lusitania Romana. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001*. Córdoba: Seminario de Arqueologia / Universidad de Córdoba. I, pp. 313-334.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de Felicitas Iulia Olisipo e do seu ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Colibri / Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA. 2, pp. 22-35.
- Campos, R. (2012) – As *cupae* do ager Olisiponense. In Andreu Pintado, J., ed. - *Las cupae Hispanas. Origen, difusión, uso, tipología*. Zaragoza: Fundación Uncastillo, pp. 451-477.
- Campos, R. (2019) - A diversidade dos monumentos epigráficos funerários no ager olisiponensis. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio / Câmara Municipal de Lisboa, pp. 101-117.
- Cardoso, H. F. V.; Garcia, S. (2009) - The Not-so-Dark Ages: Ecology for human growth in Medieval and Early Twentieth Century Portugal as inferred from skeletal growth profiles. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 138 (2), pp. 136-147.
- Cardoso, H. F. V.; Gomes, J. E. A. (2009) - Trends in adult stature of peoples who inhabited the modern Portuguese territory from the Mesolithic to the late 20th century. *International Journal of Osteoarchaeology*. Chichester: John Wiley & Son. 19 (6), pp. 711-725.
- Cardoso, H. F.; Abrantes, J.; Humphrey, L. T. (2014) - Age estimation of immature human skeletal remains from the diaphyseal length of the long bones in the postnatal period. *International Journal of Legal Medicine*. Munique: Springer. 128 (5), pp. 809-824.
- Cardoso, H. F.; Meyers, J.; Liversidge, H. M. (2019) - A reappraisal of developing deciduous tooth length as an estimate of age in human immature skeletal remains. *Journal of Forensic Sciences*. Colorado Springs: American Academy of Forensic Sciences. 64 (2), pp. 385-392.
- Cardoso, J. L. (2000) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 5, pp. 61-100.
- Cardoso, J. L. (2004) - *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras.
- Carrol, M. (2011) - Infant death and burial in Roman Italy. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 24, pp. 99-120.
- Carroll, M. (2018) - *Infancy and Earliest Childhood in the Roman World (a fragment of time)*. Oxford: Oxford University Press.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. (2013) - Enterramentos infantis tardo-antigos na rua de S. Nicolau (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 859-863.
- Casimiro, C.; Prata, S.; Silva, R. B. (2016) - Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In Inglês, J. L.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gentes, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 37-55.
- Casimiro, S.; Alves-Cardoso, F.; Silva, R. B.; Assis, S. (2017) - *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole noroeste de *Olisipo*. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1215-1227.
- Castilho, J. (1934) - *Lisboa Antiga. Segunda Parte - Bairros Orientais* (2.ª Ed. anotada por A. A. Vieira da Silva). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, I.
- Chapa Brunet, T. (2001-2002) - La infancia en el mundo ibérico a través de las necrópolis de El Cigarralejo (Mula, Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad de Murcia. 16-17, pp. 159-170.
- Christol, M. (2009) - Les cités de droit latin en Gaule méridionale. In Hurlet, F., ed. - *Rome et l'Occident (II siècle av. J.-C.-II siècle apr. J.-C.)*. Gouverner l'Empire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 315-358.

- Correia, V. ([1928] 1972) - Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *Obras. Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. IV, pp. 169-179.
- Costa, C.; Duarte, C.; Muralha, J. (2006) - Associações de restos de *Equus asinus* ao núcleo de necrópole romana da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). In Bicho, N., ed. - *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro. 14 a 19 de Setembro de 2004*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, pp. 105-116.
- Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Lopes, V.; Bugalhão, J.; Cascalho, J.; Andrade, C.; Rocha, A. (2018) - As praias fluvio-estuarinas da Idade do Ferro e Período Romano da Baixa de Lisboa, Portugal. In Bernardes, J. P.; Etchvarne, C.; Lopes, M. C.; Costa, C., eds. - *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 256-273.
- Costa, M. C. (2010) - *Redes Viárias de Alenquer e suas Dinâmicas. Um estudo de arqueogeografia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- De Man, A. (2008) - *Defesas Urbanas Tardias*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Doutoramento).
- De Man, A.; Silva, R. B. (2016) - Um refinamento de dados alto-medievais do Palácio dos Condes de Penafiel. In Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gente, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 57-65.
- Dias, M. M. A. (1984) - Um epitáfio romano achado em Lisboa. *Euphrosyne - Revista de Filologia Clássica*. Lisboa: Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nova Série. 12, pp. 235-238.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. I. S. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D. (1994) - 284. Fragmento de Sepultura Paleocristã. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1997) - 261. Inscrição paleocristã do Palácio Penafiel, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Anexo de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 56.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - 288. Fragmento de inscrição paleocristã da Rua das Pedras Negras, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 63.
- Dwight, T. (1894) - Methods of estimating the height from parts of the skeleton. *Medical Record*. Washington: Washington Institute of Medicine. 46 (10), pp. 293-296.
- Edmonson, J. (2009) - New light on doctors, medical training and links between *Augusta Emerita* and *Olisipo* in the mid-first century A.D. In *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua: Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 48). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 117-129.
- Encarnação, J.; Fernandes, L. (1997) - Urna cinerária romana da Praça da Figueira. *Olisipo*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. II Série. 5, pp. 15-19.
- Encarnação, J.; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) - 548-550. Inscrições de Olisipo identificadas na "Cerca Velha". *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 131.
- Encarnação, J.; Pina, M. J. (2018) - Pega de cerâmica com o voto VTF. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 169.
- Fabião, C. (1994) - Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. *Penélope-Ler e Desfazer a História*. Lisboa: Edições Cosmos, Cooperativa Penélope. 13, pp. 147-162.
- Fabião, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Fabião, C. (2020) - Em busca do fórum de Olisipo. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-25.
- Faria, A. M. (1995) - Plínio-O-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas Hispano-Romanas localizadas no actual território português. *Vipasca - Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 4, pp. 89-99.
- Fernandes, L. M. M. (1997) - *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 14, pp. 263-211.
- Fernandes, L. (2020) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo* ou como a cidade se mostrou. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de re-*

- apresentação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 190-213.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. (2020) - Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 215-231.
- Ferreira, F. A. R. B. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira, em Lisboa*. Lisboa: Junta Nacional da Educação (manuscrito – exemplar policopiado a partir de microfilme).
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. - *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) - Ex Officina Hispana. Tarragona. 10-13 de diciembre de 2014 (Monografías Ex Officina Hispana; III). Tarragona: SECAH e ICAC - Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 423-445.
- Filipe, V. M. S. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica: economia e comércio entre a República e o Principado*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Filipe, V.; Leitão, M.; Leitão, V.; Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R. (2020) - As muralhas de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fabião, C., coord. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia Urbana*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 47-71.
- Filipe, V.; Santos, R. (2020) - Banhos termiais na Rua da Adiça, Alfama. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 81-85.
- Fully, G. (1956) - Une nouvelle méthode de détermination de la taille. *Annales de Médecine Légale, de Criminologie et de Police Scientifique*. Paris: Société Française de Médecine Légale. 35, pp. 266-273.
- Garcia, S. (2019) - Crescer na cidade de Leiria na Baixa Idade Média: As evidências osteológicas. *Anais Leirenses - Estudos & Documentos*. Leiria: Hora de Ler. 4, pp. 265-284.
- García Prósper, E.; Polo Cerda, M.; Guérin, P. (2002-2003) - Rituales funerários ibéricos en la necrópolis fundacional de Valencia. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 13-14, pp. 279-310.
- Garnsey, P. (1998) - Child rearing in ancient Italy. In Scheidel, W., ed. - *Cities, Peasants and Food in Classical Antiquity: Essays in Social and Economic History*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 253-271.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Guerra, S.; Mendes, H.; Ribeiro, S.; Valongo, A.; Pinto, P. (2003) - Castelo de São Jorge: Balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa: IGESPAR. 4, pp. 214-223.
- Gomes, F. B. (2013) - Uma necrópole esquecida? O Casalão de Santana (Sesimbra). *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/CEFYP. 6, pp. 77-94.
- Gomes, F. B. (2016) - *Contactos Culturais e Discursos Identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Gonçalves, D. (2007) - *Funus. Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A.; Angelucci, D. (2010) - The Roman Cremation burials of Encosta de Sant'ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 13, pp. 125-144.
- González Villaescusa, R. (2001) - *El mundo funerário en el País Valenciano. Monumentos funerários y sepulturas entre los siglos I a. de C. y VII d. de C.* Madrid e Alicante: Casa de Velasquez, Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- Gowland, R. L.; Chamberlain, A.; Redfern, R. C. (2014) - On the brink of being: Re-evaluating infanticide and infant burial in Roman Britain. In Carroll, M.; Graham, E.-J., eds. - *Infant Health and Death in Roman Italy and Beyond* (Journal of Roman Archaeology Supplementary Series; 96). Durham: Durham University Library, pp. 69-88.
- Guerin, P.; Martínez Valle, R. (1987-1988) - Inhumaciones infantiles en poblados ibéricos del área valenciana. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 21, pp. 231-265.
- Guerra, A. (2003) - Algumas notas sobre o Mundo Ru-

- ral do Território Olisiponense e as suas Gentes. In Santos, A. R.; Rodrigues, N. S.; Kuznetsova-Resende, T.; Guerra, A., eds. - *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Colibri, pp.123-150.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra, A.; Reis, S. H. (2018) - Ser médico e aprender medicina na Lusitânia romana. *Cuadernos de Arqueología*. Pamplona: Universidad de Navarra. 26, pp. 19-48.
- Guerra, A. (2019) - Onomástica, realidade social e vida pública em *Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 12-29.
- Guerra, S.; Sousa, E. (no prelo) - Intervenções no Largo de Santa Cruz do Castelo 6-7: dados preliminares sobre a ocupação da Idade do Ferro.
- Gusi, F.; Muriel, S. (2008) - Panorama actual de la investigación de las inhumaciones protohistóricas del sudoeste mediterráneo europeo. *Nasciturus, Infans, Puerulus vovis mater terra*. In Gusi, F.; Muriel, S.; Olaria, C., eds. - *Una visión de la infancia desde la osteoarqueología: de la Prehistoria reciente a la Edad Media*. Castelló: Diputación de Castelló, pp. 257-329.
- Han, S.; Betsinger, T. K.; Scott, A. B. (2017) - *The anthropology of the fetus: Biology, culture and Society*. New York: Berghahn.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- Harlow, M.; Laurence, R. (2001) - *Growing up and growing old in ancient Rome. A life course approach*. London: Routledge.
- Harlow, M.; Laurence, R.; Vuolanto, V. (2007) - Past, present and future in the study of Roman childhood. In Crawford, S.; Shepherd, G., eds. - *Children, childhood and society* (BAR International Series; 1696). Oxford: Archaeopress, pp. 5-14.
- Henderson, C., Alves Cardoso, F., eds. (2018) - *Identified Skeletal Collections: the testing ground of anthropology?* Oxford: Archaeopress.
- Hilts, C. (2016) - The fragrant dead. How to treat your dead, the Roman way. *Current Archaeology*. [S.l.]: Current Publishing, 312. Disponível em WWW: (URL: <https://www.archaeology.co.uk/articles/features/the-fragrant-dead-how-to-treat-your-dead-the-roman-way.htm>) [Consultado em 17/10/2020].
- Hope, V. M. (2007) - *Death in Ancient Rome (a source-book)*. Oxford: Routledge.
- Heleno, M. (1965) - A estação lusitano-romana da Praça da Figueira. *Ethnos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. 4, pp. 305-308.
- Isings, C. (1959) - *Roman glass from dated finds* (col. Archaeologia Traiectina; II). Groningen e Jacarta: Academiae Rheno - Traiectinae Instituto Archaeologico
- Hopkins, K. (1966) - *On the probable age structure of the Roman population*. *Population Studies*. Oxford: Taylor & Francis Ltd. 20 (2), pp. 254-64.
- Isings, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jacarta: J. B. Walters, (Archeologica Traiectina edita ab Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico).
- Jiménez, A. (2008) - Roman Settlements / Punic Ancestors. Some Examples from the Necropoleis of Southern Iberia. *Bolletino di Archeologia online. International Congress of Classical Archaeology - Meetings between in the Ancient Mediterranean*. Roma: Ministerio per I Beni e le Attività Culturali, Direzione Generale per le Antichità. Volume especial, pp. 25-43.
- Jiménez Ávila, J. (2002) - *La touréutica orientalizante em la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Kalb, P.; Höck, M. (1981-82) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugália*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série 2. 2-3, pp. 61-69.
- Leisner, V.; Schubart, H. (1966) - Die Kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid: Deutsches Archaeologisches Institut. 7, pp. 9-47.
- Lamelas, I. P.; Gonçalves, J. A. (2020) - *Potâmio de Lisboa. Escritos*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Leitão, M.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2020) - *Felicitas Iulia Olisipo e a reutilização de spolia na Antiguidade Tardia: o caso do troço de muralha da Casa dos Bicos (Lisboa, Portugal)*. In Mateos Cruz, P.; Morán Sánchez, C. J., eds.- *Exemplum et Spolia la reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas* (col. Mytra, Monografías y Trabajos de Arqueología; 7). Mérida: Instituto de Arqueología, CSIC-Junta de Extremadura. II, pp. 769-777.
- Lelekovic, T. (2012) - Cemeteries. In Migotti, B., ed. - *The Archaeology of Roman Southern Pannonia. The state of research and selected problems in the Croatian part of the Roman province of Pannonia* (BAR International Series; 2393). Oxford: Archaeopress, pp. 313-357.
- Lillo Carpio, P. (2001-2002) - Notas acerca de la incineración. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad. 17-18, pp. 127-146.
- Loja, S.; Quaresma, J. C.; Cabaço, N.; Lourenço, M.;

- Casimiro, S.; Silva, R. B.; Alves-Cardoso, F. (2020) - O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal / 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1347-1359.
- Lopes, V. A. M. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidad de Huelva (Dissertação de Doutoramento).
- López Melero, R. (1997) - Enterrar en Urso (*Lex Ursonensis* LXXIII-LXXIV). *Studia de Historia Antigua*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 15-16, pp. 105-118.
- Mantas, V. G. (1994) - Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 70-75.
- Martin Ruiz, J. A. (2009) - Estelas funerárias fenícias en Andalucía. *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ CEFYP. 2, pp. 41-49.
- Martínez Pérez, M. A. (2015) - Monumentos funerarios romanos en la Comunidad Valenciana. Tipos y ejemplos más destacados. *ArqueoWeb*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 16, pp. 102-123.
- Mendonça, M. C. (2000) - Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 112 (1), pp. 39-48.
- Moita, I. (1968) - Achados de época romana no sub-solo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-71.
- Moita, I. (1994) - *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Expo '98, Lisboa '94, Livros Horizonte.
- Morillo Cerdán, A. (1999) - *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- Morris, I. (1992) - *Death-ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mota, N.; Carvalinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M.; Prata, S., eds. - *Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval* (Coleção Estudos; 18). Castelo de Vide: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-535.
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) - Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martin Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 11, pp. 245 -246.
- Muralha, J.; Costa, C. (2004) - *Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz - Lisboa). Relatório da Escavação arqueológica*. Lisboa: Museu da Cidade (policopiado).
- Navascués, J. M. (1951) - *La era “...as”*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. A. (2016) - Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 19, pp. 123-128.
- Nolen, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- Olivier Foix, A.; Gómez Bellard, F. (1989) - Nuevos enterramientos infantiles ibéricos de inhumación. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló: Diputació de Castelló. 14, pp. 51-61.
- Ortner, D. J. (2003) - *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. San Diego: Academic Press.
- Osuna, A. R. (2009) - *Topografía y monumentalización funeraria en Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus. Tesis doctoral – Universidad de Córdoba*. Córdoba: Universidad de Córdoba.
- Padez, C. (2007) - Secular trend in Portugal. *Journal of Human Ecology*. Delhi, India: Kamla-Raj. 22 (1): pp. 15-22.
- Peña, J. T. (2007) - *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge.
- Pereira, C. (2014) - *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Pereira, C. (2018) - *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia* (O Arqueólogo Português, Série Suplementos; 9). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional.
- Pereira, M. A. H. (1975) - Objectos Egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 14, pp. 173-175.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8 (2), pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Guapo, A. R.; Luna, I.; Robalo, C. (2020) - A Necrópole Pré-Romana da Berbelita, Alenquer. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. Série II. 23, pp. 26-33.

- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, pp. 591-618.
- Pimenta, J. P.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal. 1, pp. 39-57.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Sousa, E.; Arruda, A. M. (2020) - O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, pp. 6-31.
- Pirenne, H. ([1927] 1962) - *As cidades na Idade Média*. Lisboa: Ed. Europa-América.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - The 3rd century AD in motion: new proposals on morphologic-and-chronological lamps evolution (Disc-type, Dressel 28, Dressel 27, Dressel 30 and Disc-type derived). In *Terracota lamps in Archaic, Classical, Hellenistic, Roman and Early Byzantine Anatolia: production, use, typology and distribution. An international symposium. May 16-17, 2019, Izmir, Turkey*. Izmir: Izmir Center of the Archaeology of Western Anatolia.
- Quaresma, J. C.; António, J. (2017) - Importações cerâmicas no interior da *Lusitania* durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium). *Pyrenae*. Barcelona: Universidad de Barcelona. 48.2, pp. 53-122.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B. (2019) - An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaean (Irc) and Cypriot (Ird) Tableware. *RES Antiquitatis*. Lisboa: CHAM-Centro de Humanidades NOVA/FCSH. 2nd Series. 1, pp. 82-103.
- Rebelo, P.; Peça, P. (no prelo) - Intervenção arqueológica na Calçada do Lavra: dinâmicas de ocupação do espaço. Abordagem preliminar à necrópole romana. In Antunes, A. S.; Nozes, C.; Carvalhinhos, M.; Leitão, V., eds. - *Atas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em meio urbano*. Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL.
- Rémy, B. (1998) - Les élites locales et municipales de la colonie de Vienne au Haut-Empire. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles: L'Antiquité Classique. 67, pp. 77-120.
- Ribeiro, J. C. (1989-1990) - Romanização e romanidade na «Zona Oeste» do município olisiponense. *Jornal de Sintra*. Sintra: Jornal de Sintra-Semanário Regional Independente, 27/10/89 a 23/3/90.
- Ribeiro, J. C. (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo* - Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a Série. 3 (Especial Arqueologia na Região de Lisboa), pp. 75-95.
- Rocha, A. S. (1975) - *A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafim. Memórias e Explorações Arqueológicas* (Memórias sobre a Antiguidade; 3) Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 127-141.
- Ruiz Val, E.; Serrano Marcos, M. L.; Arnau Davó, B.; García Villanueva, M. I. (2003) - El monumento funerario templiforme de la plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum - Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-195.
- Rütti, B. (1991) - *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Katalog und Tafeln* (col. Forschungen in Augst; 13/2). Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft.
- Santos, B. S.; Pereira, S. S.; Silva, R. B.; Casimiro, S.; Detry, C.; Alves-Cardoso, F. (2020) - Ritual, descarte ou afetividade? A presença de «*Canis lupus familiaris*» na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coord. - *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1457-1466.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Santos, F. J. C.; Carvalho, P. C. (2008) - Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior. As estruturas monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. 47, pp. 127-143.
- Scheuer, L.; Black, S. (2000) - *Developmental juvenile osteology*. London: Elsevier.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1 - *A terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2), pp. 401-414.
- Serrão, E. da C. (1964) - *A necrópole proto-histórica do Casalão, Sesimbra*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Serrão, E. da C. (1974) - A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1, pp. 129-142.
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo - subsídios para a história de Lisboa romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Moura*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

- Silva, F. C. (2018) - *Mundo funerário romano sob o prisma da cremação. Análise antropológica de amostras Alto-Imperiais da Lusitania*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha". Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997*. Lisboa: Câmara Municipal, DPC/DA, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2002) - As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. In Barros, L. M.; Henriques, F. J. R., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997* (col. Monografias - Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 193-205.
- Silva, R. B. (2005) - As "marcas de oleiro" em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de *Olisipo* (séc. I a.C. - séc. II d.C.). Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdú, J. A.; Acero Pérez, J., eds. - *El tratamiento de los Residuos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana. Omenaje a Xavier Dupré Raventós (1956-2006)* (Anexos del Archivo Español de Arqueología; 60). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 201-213.
- Silva, R. B. (2012a) - As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (2012b) - Arqueologia viária romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. In Pimenta, J., coord.- *Atas da Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga"* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2014) - A intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol: as evidências do período romano. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, pp. 178-199.
- Silva, R. B. (2015) - O contexto alto-imperial da rua dos Remédios (Alfama – Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., coords. - *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)* (col. Monografias da AAP; I). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2018a) - A «via norte» de *Olisipo*: a arqueologia na Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e da dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A. A.; Cameira, I., coords. - *Fragmentos de Arqueologia 2: Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: CML/DMC/DPC/Centro de Arqueologia de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, pp. 73-86.
- Silva, R. B. (2018b) - O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de *Olisipo*. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, pp. 179-187.
- Silva, R. B.; De Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez Martinez, S., eds. - *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Silves, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Soria, V. (2018) - *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias; 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) - A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 50, pp. 57-88.
- Teixeira, S. (2019) - Os grupos servis do município. Origem, funções e ambições. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 70-85.
- Toynbee, J. M. C. (1971) - *Death and Burial in the Roman World*. Nova Iorque: Cornell University Press.
- Toynbee, J. M. C. (1996) - *Death and Burial in the Roman World* (2.ª Ed.). Baltimore: John's Hopkins University Press.
- Trindade, L.; Diogo, A. M. D. (1999) - 284. Inscrição funerária paleocristã da Rua de São Mamede ao Caldas, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico-Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 62.
- Trindade, L.; Ferreira, O. da V. (1965) - Acerca do Vaso «Piriforme» Tartéssico de Bronze do Museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa. 63-64, pp. 175-183.
- Turner-Wilson, A. (2007) - The appearance of health. The symbolic Construction of the healthy body through urban cemetery evidence from Late Iron Age and Early Roman Britain. In Croxford, B.; Ray, N.; Roth, R.; Natalie White, N., eds. - *TRAC 2006*:

- Proceedings of the Sixteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Cambridge, 2006.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 103-114.
- Van Driel-Murray, C. (1999) - And Did Those Feet in Ancient Time... Feet and Shoes as a Material Projection of the Self. In Baker, P.; Forcey, C.; Jundi, S.; Witcher, R., eds. - *TRAC 98: Proceedings of the Eighth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Leicester 1998.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 131-140.
- Van Driel-Murray, C. (2016) - 6. Fashionable Footwear: Craftsmen and Consumers in the North-West Provinces of the Roman Empire. In Wilson, A.; Flohr, M., eds. - *Urban Craftsmen and Traders in the Roman World.* Oxford: Oxford University Press, pp. 132-152.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2001a) - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2001b) - Formas arquitectónicas funerarias de carácter monumental en Colonia Patricia Corduba. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 74 (183-184), pp. 131-160.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2002) - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007a) - La muerte en la Hispania Romana: ideología y prácticas. In Barca Durán, F. J.; Jiménez Ávila, J., eds. - *Enfermedad, muerte y cultura em las sociedades del pasado: importancia de la contextualización en los estudios paleopatológicos: actas del VIII Congreso Nacional de Paleopatología - I Encuentro hispano-luso de Paleopatología. Cáceres, 16-19 de Noviembre de 2005.* Cáceres: Fundación Academia Europea de Yuste. I, pp. 135-158.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007b) - Crematio et humatio in Hispania: Cordubensium mos. In Faber, A.; Fasold, P.; Struck, M.; Witteyer, M., eds. - *Körpergräber des 1-3. Jahrhunderts in der römischen Welt. Internationales Kolloquium Frankfurt am Main. 19 - 20 November 2004* (Schriften des Archäologischen Museums Frankfurt am Main; 21). Frankfurt am Main: Archäologisches Museum Frankfurt, pp. 271-290.
- Vaquerizo Gil, D. (2019) - Planificación topográfica en las necrópolis de Colonia Patricia (ss. I a.C.-II d.C.). *Madrider Mitteilungen.* Wiesbaden: Reichert Verlag. 60, pp. 417-421.
- Vaquerizo Gil, D. (2020) - Parcelaciones funerarias en necrópolis cordubenses. Reflexiones a partir de dos hallazgos recientes. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 93, pp. 147-172.
- Vargas Cantos, S.; Vaquerizo, D. (2001) - Tipología y evolución de los ajuares. In Vaquerizo, D., coord. - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba, pp. 158-161.
- Vargas Cantos, S. (2002) - El conjunto funerario de La Constancia (Córdoba). Ajuares y cronologías. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba. II, pp. 297-310.
- Vasconcelos, J. L. (1900a) - 9. Incrição de Olisipo. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 173.
- Vasconcelos, J. L. (1900b) - 1. Largo de São Domingos. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 283.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de ara do municipium olisiponense.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado).
- Vieira, V. (2012) - Os Mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa, em Alfama. *Portugal Romano.com. Revista de Arqueologia Romana.* [S.l./s.n.]. 3, pp. 117-124.
- Vieira, V. A. C. N. (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Vilaça, R.; Cruz, D. J.; Gonçalves, A. (1999) - A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. 38, pp. 5-29.
- Zamora López, J. A. (2005) - La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos. *Acta Paleohispanica.* Barcelona: Universidad de Barcelona. 5, pp. 155-192.

Lista de Autores

ANA LEMA SEABRA

ICArEHB - Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

asbr73@gmail.com

ANA MARGARIDA ARRUDA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa

A.M.Arruda@letras.ulisboa.pt

ANA SOFIA ANTUNES

Centro de Arqueologia de Lisboa/ Departamento
de Património Cultural/ Direção Municipal
de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
Uniarq - Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa.

ana.sofia.antunes@cm-lisboa.pt

CATARINA BOLILA

Neoépica, Ld.^a

catarinabolila@hotmail.com

CIDÁLIA DUARTE

Direção Geral do Património Cultural.

cidalia2010@gmail.com

CLÁUDIA COSTA

ICArEHB-Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

cmcosta@ualg.pt

CLÁUDIA MANSO

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

claudia.manso@chimerapatrimonio.pt

DAVID GONÇALVES

LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório de Arqueociências
FCSH/NOVA. Direção Geral do Património Cultural.

davidmiguelgoncalves@gmail.com

DIEGO ANGELUCCI

Università degli Studi di Trento. Uniarq - Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

diego.angelucci@unitn.it

ELISA DE SOUSA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.

e.sousa@campus.ul.pt

ÉVER CALVO

Era-Arqueologia, S.A.

evercalvo@era-arqueologia.pt

FRANCISCA ALVES-CARDOSO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FSCH/NOVA.

francicard@fcsch.unl.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Ld.^a

helenapinho.neoeopica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção Geral do Património Cultural.

jacintabugalhao@gmail.com

JOANA REIS

Neoépica, Ld.^a

joana.arqueologia@gmail.com

JOÃO MURALHA

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências
do Património da Universidade de Coimbra

jmuralha@gmail.com

JOSÉ CARLOS QUARESMA

CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/
NOVA; Departamento de História FCSH/NOVA.

josecarlosquaresma@gmail.com

JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

jose.oliveira@chimerapatrimonio.pt

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/NOVA.

manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

MARINA LOURENÇO

Era-Arqueologia, S.A.

marinalourenco@era-arqueologia.pt

Lista de Autores (cont.)

NATHALIE ANTUNES-FERREIRA

Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz/
Instituto Universitário Egas Moniz; Laboratório de
Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz/ Egas
Moniz Cooperativa de Ensino Superior. LABOH -
Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia
Humana FCSH/NOVA; CRIA - Centro em Rede
de Investigação em Arqueologia FCSH/NOVA.

naferreira@egasmoniz.edu.pt

NÉLSON CABAÇO

Era-Arqueologia, S.A.

nelsoncabaco@era-arqueologia.pt

NUNO NETO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PAULO BOTELHO

Engobe – Arqueologia e Património, Ld.^a

PAULO REBELO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PEDRO FERNANDES

Neoépica, Ld.^a

pedromqfernandes@gmail.com

PEDRO PEÇA

Neoépica, Ld.^a

pedropeca@gmail.com

RAQUEL GRANJA

Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade
de Lisboa. CIAS - Centro de Investigação
em Antropologia e Saúde da Universidade de
Coimbra. LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório
de Arqueociências FCSH/NOVA. Direção
Geral do Património Cultural.

raagranja@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
Departamento de História FSCH/NOVA.

rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

SUSANA GARCIA

Instituto de Ciências Sociais e Políticas
da Universidade de Lisboa.

msgorjao@gmail.com

SÍLVIA CASIMIRO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FCSH/NOVA.

smcasimiro@gmail.com

VASCO LEITÃO

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/
Direção Municipal de Cultura/ Câmara
Municipal de Lisboa.

vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Ld.^a

vav@sapo.pt

VÍTOR FRAZÃO

Neoépica, Ld.^a

vitfrazao@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Diogo Santos Moura
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara

Municipal de Odivelas; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC / Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC / Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Oranização das Nações Unidas para a Educação, ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (NARC) / Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior
--

/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIAQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> : Para Além Desta Vida - Memória Funerária da Cidade - VII
COORDENAÇÃO DO VOLUME Rodrigo Banha da Silva – CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Ana Lema Seabra Ana Margarida Arruda Ana Sofia Antunes Catarina Bolila Cidália Duarte Cláudia Costa Cláudia Manso David Gonçalves Diego Angelucci Elisa de Sousa Éver Calvo Francisca Alves-Cardoso Helena Pinheiro Jacinta Bugalhão Joana Reis João Muralha José Carlos Quaresma José Miguel Oliveira Manuela Leitão Marina Lourenço Nathalie Antunes-Ferreira Nelson Cabaço Nuno Neto

Paulo Botelho Paulo Rebelo Pedro Fernandes Pedro Peça Raquel Granja Rodrigo Banha da Silva Susana Garcia Sílvia Casímiro Vasco Leitão Vasco Noronha Vieira Vítor Frazão
REVISÃO DO VOLUME Rodrigo Banha da Silva - CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML Inês Morais Viegas - DPC / DMC / CML
COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Inês Morais Viegas (coord.) - DPC / DMC / CML Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML
© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.
DESIGN GRÁFICO José Ribeiro
DESENHO DE CAPA César Figueiredo

ISBN 978-989-658-697-3
DATA DE EDIÇÃO Novembro 2021
DEPÓSITO LEGAL 463308/19
TIRAGEM 1.500 exemplares
EDIÇÃO Câmara Municipal de Lisboa
CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt
ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO lisboaromana@cm-lisboa.pt
FACEBOOK: https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/
INSTAGRAM https://instagram.com/lisboaromana
TWITTER https://twitter.com/LisboaRomana

LISBOA
ROM
A
NA
FELICITAS
IULIA
OLISIPO